



O conflito tirou o sentido da ponte entre Colón, na Argentina, e Paysandú, no Uruguai, já que quase ninguém pode cruzá-la

Finlandeses no meio da polêmica

– Juntas, as fábricas de celulose argentinas não produzem nem metade do que uma só dessas duas uruguaias vai produzir. É um monstro – brada o advogado Oscar Vargas, 53 anos, no bloqueio de Gualeguaychú.

De fato, a finlandesa Botnia, que já ergueu 115 metros dos 120 de sua chaminé à beira do rio, produzirá mais de 1 milhão de toneladas de celulose por ano. Será a maior do mundo quando estiver pronta, no segundo semestre de 2007. E o im-

pacto é inevitável. Pode até ser reduzido a níveis imperceptíveis, como a empresa assegura que será, mas vez que outra aquela chaminé que se enxerga do outro lado do rio lançará no ar uma fumaça com cheiro muito ruim de enxofre.

– E não vão pedir documentos a esse cheiro ruim para ele entrar na Argentina – ironiza Vargas.

– Será uma vez por ano somente, e em um raio máximo de 10 quilômetros. E é só o cheiro. A fumaça não faz mal à saúde – responde o engenheiro e porta-voz da Botnia, Bruno Vuan.

De tanto rebater as acusações, ele já tem respostas prontas e rápidas para tudo. A quem diz que a Botnia consumirá em um dia a água que os 23 mil habitantes de Fray Bentos con-

somem em nove, argumenta que devolverá ao Rio Uruguai 80% dessa água, devidamente tratada. A quem protesta contra os 120 mil hectares de eucalipto plantados em solo uruguiaio, diz que ela é obrigada a preservar um hectare de mata nativa a cada dois cultivados (como a outra empresa, Ence, que apenas inicia a terraplenagem). E aos que diminuem a importância do investimento finlandês com o argumento de que serão gerados meros 300 postos de trabalho, garante que serão 8 mil empregos indiretos e US\$ 200 milhões anuais injetados na economia uruguiaia.

E o mais importante, diz: uruguaios e argentinos poderão continuar comendo os peixes do rio e se banhando nas águas turvas e mornas do Uruguai.

Uruguaios contra uruguaios

– É claro que estou preocupada com a poluição, mas eles (*as indústrias*) estão tomando todas as precauções – diz Paula Leguiza, 24 anos, enquanto se banha nas águas turvas e mornas do Rio Uruguai, no balneário uruguiaio de Las Cañas, na tarde de uma terça-feira.

Como a maioria dos uruguaios, essa jovem estudante de Psicologia está feliz com o investimento externo nessa região que nunca teve indústria nenhuma e agora vai ter duas, e uma delas a maior do mundo em seu setor. Tem certeza de que seguirá armando sua cadeira de praia alguns metros rio adentro sem colocar sua saúde em risco e atribui o “corte de las rutas”, como os castelhanos chamam o bloqueio das estradas, à prepotência argentina.

– Querem se meter nos nossos assuntos porque acham que o Uruguai é uma província deles – afirma San-

tiago Viotti, um aposentado que passa o dia conversando com outros aposentados na praça central de Fray Bentos.

Mas, como acontece com os argentinos, nem todos os uruguaios transformaram o impasse em um assunto nacionalista. E há aqueles que se uniram aos argentinos em sua cruzada ambiental.

– Essas indústrias querem transformar nosso país em uma grande floresta de eucaliptos. Chamam isso de reflorestamento, mas se trata na verdade de uma monocultura, prejudicial ao ambiente – diz o jovem Daniel Mosco, de apenas 16 anos, com uma indignação militante e uma eloquência que devem fazer dele um político, em breve.

Ele continua:

– E tem mais: essas indústrias dizem que vão branquear a celulose com uma tecnologia que não usa o cloro elementar, e isso já bastaria para assegurar a preservação ambiental. Pois não basta, porque a tecnologia aconselhada pelo Greenpeace é a que não usa cloro nenhum no branqueamento. Isso já existe, mas elas não vão usá-la.



Paula não acha que o Rio Uruguai, onde se banha desde menina, vai ficar poluído

Gaúchos no meio da polêmica

– As fábricas do Brasil, que é o maior produtor de celulose de eucalipto do mundo, utilizam a mesma tecnologia que vamos usar aqui. Ela está de acordo com exigências ambientais internacionais – diz o engenheiro da Botnia Bruno Vuan, como se fosse uma indireta ao jornalista brasileiro, durante visita aos 30% das instalações que já estão prontos.

Realmente, as brasileiras Aracruz e Votorantim Celulose e Papel (VCP) usam a tecnologia ECF (da sigla em inglês Livre de Cloro Elementar) em suas unidades no país. Em Guaíba, por exemplo, a Aracruz produz 430 mil toneladas anuais de celulose de eucalipto usando exatamente a mesma tecnologia.

Essa, por enquanto, é a única fábrica de celulose no Estado. Outras três, porém, já estão a caminho. Uma da própria Aracruz (possivelmente em

Guaíba também), outra da VCP, no sul do Estado, e a terceira da sueco-finlandesa Stora Enso, que já comprou terras para plantar eucaliptos, mas ainda não confirma a instalação de uma fábrica em São Borja.

Em breve, os gaúchos podem se ver no meio de polêmica semelhante, já que São Borja é separada da Argentina pelas mesmas águas que causam tantas desavenças rio abaixo.

Por enquanto, o único gaúcho pego no meio da controvérsia era um motociclista (“é não motoqueiro, viu?”) que pediu para não ser identificado (“Vai que estou fugindo da mulher”) ao ser impedido de passar do Uruguai para a Argentina pelos manifestantes. Ele queria ir a Buenos Aires, mas teve de voltar ao Uruguai e seguir até a barca no Rio da Prata.

– Vou pegar a estrada. Essa guerra não é minha – conformou-se.

Data Publicação : 19/03/2006

Editoria : Economia

Ilustração : Foto / Mapa

Assunto :

Uruguai x Argentina (cartola), Disputa, Integração, Negócio, Concorrência, Impasse, Polêmica, Fábrica, Indústria, Diplomacia, Impasse Diplomático

[Leia mais na página 34.](#)

[Observação CDI:](#)

[Repórter \(es\):](#)

[Acidentes](#)

[Região Metropolitana - Adriana Irion](#)

[Pres. Lucena e NH - Géssica](#)

[Picada Café e Cotiporã - Pio](#)